

## Tecnologia móvel e protestos – twitcasting como estratégia narrativa jornalística pelo midialivrista <sup>1</sup>

*Mobile technology and protests - twitcasting as strategy narrative journalism by midialivrista*

Adelino Pereira da SILVA <sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo tem por objeto de estudo as estratégias narrativas no *TwitCasting* pelos midialivristas. Twitcasting é um aplicativo que transmite ao vivo imagens filmadas pela câmera de um *smartphone*, *tablet* ou a *webcam* de um computador conectados à Internet. O presente estudo analisa esse aplicativo que tem sido frequentemente usado pelos midialivristas enquanto estratégia narrativa jornalística desde a cobertura dos protestos que ocorreram em 2013 no Brasil. Dissertamos sobre essa configuração tecnossocial, que potencializa vozes e visões diferenciadas na atual cibercultura, à luz de autores como Pierre Lévy e André Lemos, e com base teórica sobre midialivrista de autores como Malini e Antoun (2013). O objetivo principal é trazer ao debate questões importantes sobre o papel da mídia, a construção do debate público, a interação e, ainda, a democratização da comunicação e da informação.

**Palavras-Chave:** Twitcasting. Narrativa. Jornalismo. Midialivrista. Protestos.

### Abstract

The present article has as object of study the narrative strategies in TwitCasting by the free media professionals. TwitCasting is an app which broadcasts live images recorded by the camera of a Smartphone, a tablet or a computer connected to the internet. The present study analysis this app which has been often used by the free media professionals as journalistic narrative strategy since the coverage of the protests that occurred on 2013 in Brasil. We discuss about this “tecnossocial” configuration which potentiates different voices and visions in the current cyberculture, guiding ourselves by authors like Pierre Lévy and André Lemos and by the theorists about free media professionals such as Malini and Antoun (2013). The main point is to bring to debate important questions about the media’s role, the public debate’s construction, the interaction and, yet, the democratization of the communication and the information.

**Keywords:** Twitcasting. Narrative. Journalism. Free Media Professional. Protests.

---

<sup>1</sup> Trabalho enviado na modalidade *Paper* para o Simpósio Internacional de Tecnologia e Narrativas Digitais (2015).

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: ade.lino@yahoo.com.br.

## Introdução

As revoluções que, atualmente, incidem nas sociedades ao redor do mundo não possuem as mesmas características de há muitos anos, décadas e séculos. Mudaram as revoluções e mudou-se, inclusive, o modo de se fazer revolução, embora ainda seja preservado o seu lugar: as ruas. Todavia, também é importante ressaltar que, hoje, em pleno século XXI, muitas revoluções eclodem a partir do mundo virtual, na Internet, e atingem as ruas. Um exemplo desse fenômeno deu-se com a eclosão dos vários protestos que tiveram início no Brasil no mês de março de 2013, principados pelo aumento do valor das passagens dos ônibus de transporte coletivo.

A Internet é uma propulsora dessas tantas mudanças que estamos vivenciando em sociedade. Do modo de pensar às pautas reivindicadas, dos modos de interagir e conviver, a Internet adentrou fortemente a vida dos “atores sociais”. Segundo Cecilia Cavalcanti e Renata Fontanetto (2014, p.2):

Um novo ingrediente adentrou o furacão das revoluções modernas, servindo de espelho para aquilo que é feito pelo povo, e ele se chama Internet. As revoluções de atualmente contam com teias de divulgação que correm em múltiplas direções, que as de antigamente não conheceram.

As teias de divulgação na modernidade têm enfraquecido, e até mesmo quebrado, os modos convencionais de comunicação dos grandes meios. As redes sociais digitais são constituintes dessa nova forma global e universal de comunicação e têm sido frequentemente usadas para divulgação, interação, compartilhamento e organização de protestos e seus conteúdos. A rede social Facebook, como também o Twitter, têm exemplos preponderantes das ações dos atores em rede sobre essa nova forma tecnossocial que estamos presenciando e vivenciando.

O uso da Internet aumentou consideravelmente e relevantemente no Brasil, segundo a pesquisa do PBM 2015<sup>3</sup> (Pesquisa Brasileira de Mídia). A Internet foi apontada por 42% dos brasileiros como o meio de comunicação que o entrevistado

---

<sup>3</sup> A pesquisa completa por ser acessada por esse link: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>

utiliza mais. Outro dado relevante para esse estudo é que o Facebook, dentre as redes sociais e os programas de trocas de mensagens instantâneas – podemos apontar a atuação frequente dos midialivristas nessa rede social –, é o mais usado pelos usuários, com 83%, vindo, em segundo lugar, o WhatsApp.

Além disso, segundo Manuel Castells (2013, p. 171), existe uma conexão importante entre Internet e movimentos sociais em rede na contemporaneidade: “eles comungam de uma cultura específica, a cultura da autonomia, a matriz cultural básica das sociedades contemporâneas”. A forma de a sociedade desafiar a dominação que prevalece sobre ela é conectando seus cidadãos entre si, compartilhando suas indignações, “sentido o companheirismo e construindo projetos alternativos para si próprios e para a sociedade como um todo” (CASTELLS, 2013, p. 170).

A definição de midialivrista que estamos abordando, é dada por Fábio Malini e Henrique Antoun (2013). Os autores apresentam em suas discussões dois tipos de midialivrista (ou midialivrista). O primeiro é chamado de midialivrista de massa, aquele que reúne experiências dos vários movimentos sociais organizados que se utilizam das mídias comunitárias e populares, “de dentro do paradigma da radiodifusão”, tidos como práticas da sociedade civil alternativa e antagônica, com vistas aos modos de produção da comunicação dos conglomerados empresariais de mídia (que são os controladores da opinião pública em todos os níveis, do local ao internacional). O segundo modo é o midialivrista ciberativista, que

[...] reúne experiências singulares de construção de dispositivos digitais, tecnologias e processos compartilhados de comunicação, a partir de um processo de colaboração social em rede e de tecnologias informáticas, cujo principal resultado é a produção de um mundo sem intermediários da cultura, baseada na produção livre e incessante do comum, sem quaisquer níveis de hierarquia que reproduza exclusivamente a dinâmica de comunicação *um-todos*. (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 21-22).

Na dinâmica apresentada pelos autores acima, de *um-todos*, se enquadra a ação dos midialivristas e o objeto de estudo desse trabalho: o aplicativo *twitcasting*. O *twitcasting* é um aplicativo que possibilita transmissão de vídeo e áudio ao vivo com tecnologia de baixa latência (0,3 - 3,0 segundos). Ele ainda atualiza a sua linha do tempo e os seus status na rede social Twitter enquanto transmite, ou você pode publicar

ao vivo no seu mural do Facebook enquanto transmite ao vivo. Os vídeos gravados ao vivo podem ser salvos em *websites*, e os espectadores podem ser notificados minutos antes de cada transmissão ao vivo através de notificações por *push*, contudo os espectadores devem se registrar com antecedência na sua transmissão. Em linhas gerais, a plataforma na Internet do *twitcasting* pode ser considerada uma rede social, devido as suas características de postar, comentar, compartilhar, seguir e interagir.

Diante de um panorama de ondas de protestos, inovações tecnológicas e Internet, o midialivrista viu o *twitcasting* como uma oportunidade para participação democrática sobre os protestos que incidiram em 2013 no Brasil, também como uma forma de noticiar os fatos sem recortes editoriais, procurando evitar distorções na informação.

O presente estudo é de caráter qualitativo. Quanto aos objetivos da pesquisa, fazemos uma pesquisa exploratória para levantar os dados e depois aplicamos a pesquisa explicativa, procurando demonstrar o fenômeno analisado, neste caso, o *twitcasting* como estratégia narrativa jornalística pelo midialivrista, a fim de identificar fatores que determinam a ocorrência desse fenômeno –, adota um método observatório e analisa conteúdos que foram produzidos pelos midialivristas e que estão disponíveis na plataforma virtual do *twitcasting*, e a tecnologia que facilita tal ocorrência.

Este artigo possui os seguintes objetivos: abordar a plataforma digital *twitcasting* como um espaço propício de colaboração social em rede, como uma proposta de narrativa jornalística que se afasta dos níveis hierárquicos dos meios de comunicação massivos tradicionais, em específico as narrativas dos (tele)jornais majoritários dos grandes conglomerados; e analisar o papel das tecnologias móveis dentro desse processo e na construção estética de uma nova narrativa sobre o cotidiano de protestos em geral.

## **Tecnologia e narrativas móveis digitais e os protestos**

Com a Internet e as plataformas digitais cada dia mais presentes no cotidiano das pessoas, os modos como se fazem protestos ganharam uma nova ordem, adquirindo novos modos de ser notícia e de narrarem suas próprias ações, não ficando reféns da comunicação mediada pelos grandes veículos de (tele)jornal nacional e internacional. Assim, os modos jornalísticos tradicionais estão também em busca de se harmonizar

com essas novas tecnologias da comunicação, a fim de sobreviver e não se afastar do seu público, adaptando-se às novas linguagens digitais e sendo mediadas por “atores” que estão interligados em nós e em rede.

Segundo Manuel Castells (2003, p. 114):

Uma vez que a Internet está se tornando um meio essencial de comunicação e organização em todas as esferas de atividade, é óbvio que também os movimentos sociais e o processo político a usam, e o farão cada vez mais, como um instrumento privilegiado para atuar, informar, recrutar, organizar, dominar e contradominar.

O apoderamento e uso da Internet pelos movimentos sociais no Brasil são um forte exemplo para a citação acima. A partir de março de 2013 uma onda de protestos teve início no Brasil. Primeiramente, impulsionados pelo aumento da passagem do ônibus de transporte coletivo, vários manifestantes foram às ruas reivindicar pela diminuição do preço da passagem e por um transporte coletivo público, gratuito e de qualidade. É importante ressaltar que, antes de irem às ruas, eles haviam se organizado em rede, através das redes sociais, marcando locais, praças, horários e dias, ocorrendo várias manifestações simultaneamente em vários lugares do país. O movimento surtiu efeito positivo em muitas cidades, a exemplo de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul:

Em Porto Alegre, manifestantes reagem ao aumento da passagem de ônibus de R\$ 2,85 para R\$ 3,05 com uma série de protestos que culminam num ato em frente à prefeitura. Após quase duas semanas, o aumento é suspenso no dia 4 de abril por decisão judicial da Justiça. A passagem passaria a R\$ 2,95 em abril do ano seguinte. (BORBA; FELIZI; REYS, 2014, p. 423).

Nessa perspectiva, e com relação às novas tecnologias e narrativas da comunicação digital, conforme Lemos (2010), essas "novas tecnologias de informação devem ser consideradas em função da comunicação bidirecional entre grupos e indivíduos, escapando da difusão centralizada da informação massiva". (p. 62). O que aconteceu no decorrer de vários protestos que incidiram no Brasil, foi que o midialivrista utilizou o aplicativo twitcastaring em seu *smartphone* e transmitiu as manifestações, como ferramenta narrativa jornalística na cobertura dos protestos – formalizando um caso peculiar de que os meios tradicionais de jornalismo estão

perdendo credibilidade e que a sociedade está encontrando novos meios de escapar da difusão centralizada da informação editorial.

Consequentemente, as manifestações criaram uma nova repercussão para o uso de tecnologias móveis na cobertura jornalística, com o jornalismo alternativo feito por *smartphones* e em tempo real, por meio do aplicativo de *streaming* Twitcasting, juntamente com articulações em redes sociais, estabelecendo uma nova estética narrativa e forma de se fazer jornalismo ou de informar, de modo coletivo e participativo:

A conexão em rede, o uso de tecnologias móveis digitais e as apropriações das redes sociais como disseminadoras de informações e modo de interação mediada por celulares e smartphones trazem uma resignificação para a narrativa televisiva e para os movimentos como no caso dos protestos numa relação estreita entre o espaço urbano e a conexão generalizada que se verifica. (SILVA; RODRIGUES, 2014, p. 34).

Segundo Adriana Rodrigues (2013), os movimentos sociais (sob forma de protestos) da contemporaneidade apresentam novas aparências na sociedade do século XXI no momento em que engajam suas práticas e formas de mobilização em outra esfera pública, desta vez, conectada e em Rede. Logo, “as transformações das tecnologias digitais na vida social amplificam [...] os rearranjos comunicacionais num contexto contínuo de mutações” (RODRIGUES, 2013, p.32), a exemplo do jornalismo alternativo feito no *streaming* Twitcasting por atores sociais que atuam como midialivrista dentro do ciberespaço<sup>4</sup>.

Os atores que atuam como midialivristas, utilizando-se de uma forma narrativa móvel, de uma mídia alternativa, na cobertura e transmissão dos protestos, são aqui entendidos como uma espécie de “hacker das narrativas, um tipo de sujeito que produz, continuamente, narrativas sobre acontecimentos sociais que destoam das visões editadas pelos jornais, canais de TV e emissoras de rádio de grandes conglomerados de comunicação” (MALINI; ANTOUN, 2013).

---

<sup>4</sup> Lévy (1999, p. 92) define ciberespaço como: “[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações. Consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração de acesso.”

## Twitcasting e o jornalismo alternativo

Ao falar sobre a configuração contemporânea da comunicação, André Lemos (2010, p. 71), se referindo a Pierre Lévy, argumenta que a cibercultura (essa nova configuração tecnosocial): "é universal sem ser totalitária, tratando de fluxos de informação bidirecionais, imediatos e planetários, sem uma homogenização dos sentidos, potencializando vozes e visões diferenciadas". Partindo dessa premissa, observa-se que a sociedade começa a interagir em cadeia virtual, em uma rede estabelecida por "nós" de rede. De forma mais ativa e efetiva, os atores sociais começam a ser instituidores de informação e comunicação, entrando numa fase de transição de meros consumidores (receptores) para produtores (criadores). Produtores, e até mesmo consumidores de suas próprias informações, agindo como uma "mídia".

Hoje, tendo em vista que a forma fundamental de comunicação horizontal em grande escala está baseada na Internet e, conseqüentemente, nas redes sem fio (CASTELLS, 2013), entende-se a força e o impacto que o Twitcasting, entre outros aplicativos de transmissão por *streaming*, exerce no meio jornalístico das grandes corporações nacionais e internacionais.

A combinação estabelecida entre tecnologias móveis (celulares, *smartphones*, *tablets etc*) e esse aplicativo Twitcasting (e sua plataforma digital) tem produzido uma marca sobre o movimento de cobertura engajada e colaborativa. Como um tipo de *narrativa hacker*, por ser submetida ao compartilhamento do *muitos-muitos*, o Twitcasting cria ruídos na comunicação de massa (jornal, telejornal e outros) sobre as coberturas dos protestos, uma vez que propõe uma visão múltipla, conflitiva, subjetiva e abre uma nova perspectiva sobre os acontecimentos nas ruas, agindo ainda como uma forma de repúdio à cobertura parcial feita dos protestos.

Lembrando uma fala de Fausto Neto (2006, p. 98), que diz:

[...] se mais longinquamente o jornalismo relata fatos, e em seguida o jornal organiza a realidade segundo certas disposições, na contemporaneidade importa menos esse nível de apropriação das realidades externas pelas regras jornalísticas e mais o relato segundo enunciações muito singulares e "em alto", das próprias condições pelas quais o jornalismo tece as realidades. Não está mais em questão o poder do jornalismo reativo à questão do *dizer* e do *fazer saber*,

mas o deslocamento do dispositivo jornalístico para enunciar as próprias condições da fabricação da notícia, em suma, da própria noticiabilidade.

O deslocamento do dispositivo jornalístico se aplica ao caso aqui em questão: o uso do Twitcasting, por intermédio de dispositivos móveis, como instrumento estratégico de jornalismo alternativo para narrar (mostrar) os protestos nas ruas. Os manifestantes passaram a utilizar frequentemente a plataforma Twitcasting como uma PósTV, comparecendo às ruas com seus dispositivos eletrônicos para fazer a cobertura dos protestos em tempo real.

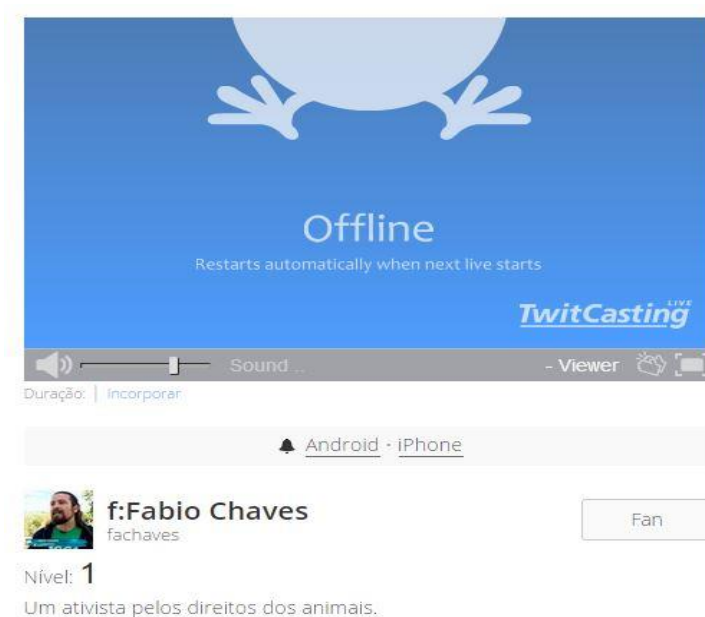
Na plataforma virtual encontramos registros de vários protestos e usuários que lutam por variadas causas (figura 1), feitos por atores sociais, que podemos enquadrá-los como cidadão-reporte, segundo Dan Gillmor (2005), e também por grupos ativistas, como o Mídia Ninja<sup>5</sup> (figura 2). Conforme Varella (2007, p. 80), o cidadão-reporte é aquele que tem necessidade de informar algo com anseio que algo seja feito: “[...] que o bairro esteja limpo, que a prefeitura proporcione melhor atendimento, que o professor ensine com mais dedicação ou que a coleta de lixo seja mais organizada e eficiente”.

---

<sup>5</sup> Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação, ou Mídia Ninja, é um grupo ativista que foi criado no ano de 2011 e participante do Coletivo Cultural Fora do Eixo. Os ativistas almejavam fazer uma cobertura aberta e em contraposição aos conglomerados corporativos dos grandes meios de comunicação massiva. No entanto, foi a partir das transmissões ao vivo dos protestos ocorridos em junho de 2013 que o grupo se consolidou.



**Figura 1:** Usuário da plataforma



**Fonte:** Captura de tela <sup>6</sup>

**Figura 2:** Membro da Mídia Ninja fazendo a cobertura do protesto



Nesse sentido, diante das múltiplas facilidades que as novas ferramentas e dispositivos tecnológicos dispõem à produção jornalística, para os grandes meios, acabam por se tornar algo como uma “faca de dois gumes”, uma vez que eles os favorecem e os prejudicam – tanto que começam a entrar em crise:

<sup>6</sup> Disponível em: < <http://us.twitcasting.tv/f:578042212>>. Acesso em 15 set. 2015.

<sup>7</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=M4VmRH55JMo>>. Acesso em 15 set. 2015.

[...] o jornal passaria por uma séria crise porque sua força em construir uma “opinião pública” estaria a diminuir graças à diversidade de versões sobre os significados dos fatos produzidos, novamente, no âmbito da Internet. Assim, a facilidade de produção e a velocidade de circulação da informação que estão disponíveis ao cidadão recompõem o jogo de forças no âmbito contemporâneo midiático. (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 112-113).

Por outro lado, a facilidade encontrada no dispositivo/aplicativo/plataforma Twitcasting, em combinação com os aparelhos eletrônicos móveis e conectados em rede sem fio, incidiu em uma convergência midiática que fortaleceu o exercício do jornalismo independente no Brasil, que teve uma maior consolidação a partir dos protestos de junho de 2013, chamados também de “Jornadas de Junho”<sup>8</sup>, e que as práticas de cobertura dos protestos se estende até os dias atuais com muita força e em ascensão.

Segundo Silva e Rodrigues (2014, p. 36):

A partir das transmissões ao vivo dos protestos pelo Mídia Ninja, as imagens tentam revelar o lado “B” das manifestações, muitas vezes não explorado na mídia massiva, razão pela qual eles declaram praticar um jornalismo nu e cru e divulgar fortemente em seus canais digitais. Neste modelo de ação colaborativa, não há restrições para ser um repórter ninja ou um transmissor, para tal, pode-se munir-se de celulares, estar acompanhando as manifestações e fatos sociais e transmitir ao vivo pelo TwitCasting.

Portanto, o exercício frequente e cada vez mais aperfeiçoado das tecnologias e narrativas de características móveis, certamente combinados com outros fatores, como as redes sociais digitais, propiciaram o surgimento de um novo jornalismo, combinado com um novo tipo de ativismo, um midiativismo, ou midialivrismo (ANTOUN e MALINI, 2013), praticado pelos atores sociais independentes, fortalecendo o exercício do jornalismo independente e com teor democrático.

---

<sup>8</sup> Jornadas de Junho ficaram conhecidas por esse nome devido às inúmeras manifestações que aconteceram no mês de Junho de 2013 (MARICATO, 2013).

## Considerações finais

Dadas às discussões, fica claro que não há apenas experiências de jornalismo participativo dentro de determinados grupos tradicionais de mídia. Existe uma infinidade de experiências que atuam de forma independente por meio de um modelo aberto, ou seja, sem necessariamente haver a presença de jornalistas profissionais, inventando e fazendo uso de um conjunto de novas práticas para a produção noticiosa, a exemplo do *Twitcasting* empregado para fazer a cobertura dos protestos.

O *Mídia Ninja* é um grupo ativista, hoje bem preparado, que se organizou desde o início das manifestações correntes a partir de 2013 e que acreditou nessa tecnologia de *streaming* para fazer as coberturas dos protestos, com o intuito de noticiar os fatos em tempo real, objetivando, para além de uma proposta de jornalismo independente, contrapor-se à notícia massiva dos meios de comunicação corporativos, tais como o jornal online e os telejornais, dando uma maior visibilidade a notícias que outrora aparecem nos grandes jornais de forma editorial, repletos de ideologia do meio que as veiculou.

A experiência enquanto *midialivista*, vividas também por ativistas, que atuam como jornalistas independentes em plataformas como a do *Twitcasting*, é caracterizada como um processo emergente, uma vez que todo o sistema de divulgação e publicação de notícias está organizado em mecanismo de livre troca de saber e de forma participativa, baseada na concepção de colaboração coletiva e independente. Certamente, como já mencionado, o resultado desse acontecimento recai visivelmente na política editorial dos canais jornalísticos tradicionais.

Deste modo, percebemos que as transmissões feitas dos protestos se caracterizam como uma voz que clama por imparcialidade dos meios de comunicação, principalmente as de cunho jornalístico. A relação dos grupos tradicionais com os usuários se rompe, a sociedade é convidada a participar e interagir dentro e fora da grande aldeia global, e a entrar em um novo circuito jornalístico, agora promovido pela própria sociedade e em tempo real, com o auxílio das novas Tecnologias da Informação e a mobilidade que dispomos graças aos dispositivos eletrônicos portáteis e que se

conectam em rede sem fio, fortalecendo as discussões em torno do papel da mídia, a construção do debate público e a democratização da comunicação e informação.

## Referências

BORBA, Maria; FELIZI, Natasha; REYS, João Paulo (Org.). **Brasil em movimento: reflexões a partir dos protestos de junho**. Rio de Janeiro: Racco, 2014.

BRAMBILLA, Ana Maria. **A reconfiguração do jornalismo através do modelo open source**. Sessões do imaginário, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/reconfig.pdf>>. Acesso em 20 de outubro de 2013.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **A galáxia da internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAVALCANTI, Cecília C. B.; FONTANETTO, Renata M. B. **A cidade na era da cultura de redes: uma análise da mídia sobre as manifestações de junho de 2013 no Rio de Janeiro**. In: XXII Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación, 2014, Perú. Disponível em: <[https://www.academia.edu/11205785/A\\_CIDADE\\_NA\\_ERA\\_DA\\_CULTURA\\_DE\\_REDES\\_UMA\\_ANALISE\\_DA\\_M%3%81LISE\\_DA\\_M%3%8DDI\\_A\\_SOBRE\\_AS\\_MANIFESTA%3%87%3%95ES\\_DE\\_JUNHO\\_DE\\_2013\\_NO\\_RIO\\_DE\\_JANEIRO](https://www.academia.edu/11205785/A_CIDADE_NA_ERA_DA_CULTURA_DE_REDES_UMA_ANALISE_DA_M%3%81LISE_DA_M%3%8DDI_A_SOBRE_AS_MANIFESTA%3%87%3%95ES_DE_JUNHO_DE_2013_NO_RIO_DE_JANEIRO)>. Acesso em set. 2014.

FAUSTO NETO, Antônio. Enunciação jornalística entre dispositivo e disposições. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marinalva (Org.). **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

GILLMOR, Dan. **Nós, os media**. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MALINI, Fábio. ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARICATO, Ermínia. [et al.]. **Passé livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Boitempo: Carta Marior, 2013.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura)

RODRIGUES, Adriana Alves. Redes sociais e manifestações: mediação e reconfiguração na esfera pública. In: SOUSA, Cidoval Moraes; SOUZA, Arão de Azevêdo. **Jornadas de junho: repercussões e leituras**. Campina Grande: EDUEPB, 2013 Disponível em: <<http://www.uepb.edu.br/download/ebooks/Jornadas%20de%20Junho%20-%20Repercuss%C3%B5es%20e%20Leituras.pdf>>. Acesso em set. 2014.

SILVA, Fernando Firmino; RODRIGUES, Adriana Alves. Jornalismo em mobilidade: redes sociais e cobertura de protestos “ao vivo” e da rua. In: BARRETO, Emilia [et al.]. **Mídia, tecnologia e linguagem jornalística**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2014.

VARELLA, Juan. **Blogs: revolucionando os meios de comunicação**. Thompson, 2006.